



ARAUTO

1959
MARÇO
ANO II
N.º 10

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

ADMINISTRADOR
M. Gomes da Silva

REDACTORES
José Aica — António Soares
J. Sousa Melo — José Azevedo

Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA



Estudante! Durante as férias medita nos mistérios da Semana Santa.

E o «Arauto», se assim o fizeres, espera que tenhas uma Páscoa Feliz, o que sinceramente te deseja.

Protagonista do «Frei Luís de Sousa»

O «Frei Luís de Sousa» é um drama romântico com algumas características clássicas, e pode considerar-se uma das obras mais notáveis e de destaque do Romantismo Europeu.

Nela, tudo se sujeita à força do destino e da fatalidade. Assim é o destino que faz regressar a casa D. João de Portugal, na altura em que nela estava vivendo aquela que ele tanto tinha amado e que tinha casado novamente. E por fatalidade, ao chegar, nem sequer o seu aio o reconhece, o aio que tinha trocado o amor a ele por o daquela inocente que iria ser a vítima do «erro» dos pais. Assim o Romeiro, que a bem dizer saíra do país dos mortos, volta para lá já arrependido da sua sede de vingança. Mas, vamos ao nosso tema.

Quem é o protagonista deste drama (ou tragédia)?

Manuel de Sousa?

E' a personagem que mais sofre, é o primeiro no heroísmo; nas resoluções actua como chefe da família. Mas não é a vítima que morre. Esta é Maria, a inocente e exaltada sebastianista.

E Madalena? E' a personagem dos agoiros e das desgraças em cujo espírito se trava a luta mais intensa.

Será o Romeiro? Não. Pois ele é simplesmente o agente da desgraça. Na verdade está sempre presente desde o princípio no espírito exaltado de Maria, que o conhece nos seus sonhos. Idealiza-o como um homem velho, acabrunhado pelas vicissitudes da miséria.

Então quem será o protagonista do drama, se as características deste estão distribuídas pela família?

Parece mais aceitável dizer que protagonista é a Família: Maria, a vítima que sucumbe; Manuel de Sousa, o que mais sofre porque se julga o causador de todas as infelices e sofrimentos dos outros; Madalena, a personagem que desde o princípio sente na sua alma a luta contra a fatalidade.

Assim a Família é o protagonista do drama de Almeida Garrett «O Frei Luís de Sousa».

José Azevedo
4.º ANO-C

São Horas...

Dalita tinha 8 anos. Era morena e de olhos pretos como azeviche, que pareciam ter um brilho estranho quando planeava alguma das suas. Tinha dois priminhos que eram quase sempre as vítimas das suas maldades. Seus pais, embora muito pobres, faziam todos os sacrifícios para a verem sempre feliz.

Estava um dia lindíssimo, e Dalita que vivia perto da pequena cidade da Horta, olhava o monte no qual diziam que havia uma caldeira.

—Uma caldeira! Deve ser engraçado, quem visse! — pensava ela.

O dia já ia adiantado, por isso Dalita planeou para si a aventura do dia seguinte.

Chamou o Zeca e a Aidinha e disse-lhe: —amanhã muito cedinho vou chamar vocês para irmos ver uma coisa muito linda, mas não se diz nada, porque à hora do almoço estamos em casa, por isso ninguém precisa saber onde vamos.

Os primos, um pouco mais novinhos e tímidos, embora fossem muitas vezes o alvo das suas travessuras, sentiam-se como que atraídos para ela, por isso nada disseram.

Ao outro dia, mal amanheceu, levantou-se e foi depressa chamar os primos, que já estavam a pé. Sem que ninguém o soubesse, puseram-se a caminho.

O Zeca e a Aidinha morriam-se de curiosidade:

—Dalita, onde vamos? O que é que vamos ver? Diz-nos, filha!

E Dalita de mau humor respondia:

—Quando lá chegarem, verão.

Os outros entreolharam-se, mas, como conheciam a prima, nada disseram e prosseguiram o caminho ao lado dela.

Encontraram um velhote, e Dalita perguntou: — o senhor sabe dizer-me por onde se vai para a Caldeira?

E o velhote, um tanto ou quanto admirado por ver três crianças tão pequenas interessadas em saber o caminho da Caldeira, replicou: — seguindo sempre por esta estrada.

Dalita, esperta como era, quase que adivinhou os pensamentos do velhote, por isso mentiu: — queremos ir a casa duma tia que mora perto da Caldeira.

—Oh! Têm muito que andar! Que Deus os abençoe! E lá seguirem.

Andaram perto de 3 horas até que avistaram uma igreja branca muito branca. Radiante, Dalita exclama: deve ser a ermida de que já ouvi falar; vamos depressa, que já estamos perto. Porém, ao chegarem à

ermida, viram em frente deles um caminho.

—Deve ser por aqui; e continuaram a sua jornada que parecia interminável.

O dia já ia alto. Uma brisa suave murmurava-lhes de entre a ramagem verde tenra: «meninos, não sejam maus, lembrem-se como seus pais ficarão em cuidados, ao darem pela sua falta»; mas eles não davam ouvidos a nada.

Deram mais uns passos, e viram em frente deles um buraco, cuja abertura mal deixava passar um deles de cada vez.

Dalita entrou seguida dos primos e encontravam-se numa espécie de gruta que pa-

(Segue na 3.ª página)

Agradecimento

«O Telégrafo», no seu número de 5 do corrente, referiu-se à nova secção do «Arauto» — Poetas Portugueses do século XX — nos seguintes termos, que gostosamente registamos:

«Aparece-nos agora mais um número (o nono) do «Arauto», o jornal dos estudantes do nosso Liceu. Como sempre gostámos da colaboração vinda a lume, da coordenação e aspecto gráfico que apresenta. Uma inovação é porém de molde a que lhe demos o justo relevo. Trata-se da preocupação de divulgar entre os académicos a poesia portuguesa do séc. XX e seus cultores, em secção própria.

Boa iniciativa. As melhores felicitações».

Agradecemos ao benemérito órgão da imprensa local a amável referência.

Poetas portugueses do século XX

José Régio

José Régio nasceu em 1901.

Formou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, e actualmente é professor do Liceu de Portalegre.

A crítica autorizada considera-o justifiadamente um dos grandes poetas portugueses do século XX e de todos os tempos.

Mas não tem cultivado apenas a Poesia. Distinguiu-se também como crítico, dramaturgo e romancista, integrado na corrente do romance psicológico. O seu nome ficou para sempre ligado ao movimento da *Presença*, revista literária aparecida por volta de 1927 que se propôs apoiar os princípios do modernismo, formulados pela primeira geração modernista, agrupada em volta do *Orfeu*, onde pontificava Fernando Pessoa.

José Régio foi de tacto a personalidade literária *presencista*, que mais se destacou. Escreveu, entre as obras de

(Segue na 2.ª página)



Comunhão Pascal dos Estudantes

No dia 15 do corrente, os estudantes da Horta fazem na Igreja Matriz a sua Comunhão Pascal colectiva, como é tradição.

A este acto, cujo significado todos conhecem e sentem, espera-se a maior concorrência dos nossos estudantes, que nunca recuam quando se trata de dar testemunho da sua Fé em Cristo, Salvador dos homens, de Quem unicamente depende a Paz que o mundo em vão procura longe d'Ele.

JORNAL DA mocidade -- PARA A mocidade

Temas Científicos

Ornitologia liceal

Pássaros, passarinhos e aves de gaiola

(Conclusão da 4.ª página)

para o alpinismo. Quando em bando, caracteriza-se por ser o escravo dos outros indivíduos da mesma família ou divisão. Caracteres individuais: um par de antenas (de natureza óssea) às vezes invisíveis, as quais, de certo, prejudicam a sua locomoção. O corpo apresenta-se revestido por espessa camada de pelo, razão porque alguns ornitologistas substituem o pernalta por mastodonte.

b) *Antena vulgaris* (de al-gibeira) L. — indivíduo da classe das *concepcionáceas*, divisão das *rochináceas*. Vive em zonas de baixa temperatura e tem grande amor à liberdade; assim, quando preso, tende a pôr-se em fuga. Captura fácil. Características individuais: é exemplar geralmente anão, espírito belicoso, guerreiro. Corpo de tipo africano, o qual lhe dá um tom, às vezes humano. Quando perseguido por gatos é facilmente atingido, pelo que também é conhecido por c. v. *macaconídeo*.

Família dos Passarinhos

Esta família é extremamente rara e por isso limitamo-nos a comunicar os seus 2 únicos representantes:

1 = *Cabra petrolífera* B. — indivíduo pernalta e, caso interessante, carnívoro. Por essa razão tende a rondar talhos e outras zonas. Encontramos um belo exemplar nas cercanias dos edifícios da antiga colônia alemã; contudo, pela envergadura, estamos convictos que, naquela zona, era ave de arribação.

Caracteres individuais: vista bastante atrofiada; dentes caninos salientes. Aparentemente mansa.

2 = *Ratonis lombegana* — espécie de certa envergadura. Tende a contrariar, por sistema, qualquer iniciativa alheia. É bastante perigosa pois, em certas ocasiões, avança.

Família das Aves de Gaiola.

1 = *Pivetus rarissimus* — é ave solitária. Distingue-se dos restantes membros pela orientação que toma nas suas excursões. A variedade *pivete* é de «rara» formosura a qual, como seria óbvio, deveria suscitar, nas restantes, instintos de repulência. Contudo assim não sucede pois exemplares daquela natureza habitam zonas desviadas, longe da actividade que lhe seria lícito exigir.

2 = *Stela scrazizata* — indivíduo da classe das *picóáceas*. Seu alto preferido é bastante curioso: trata-se dos indivíduos da classe das

galindeças que ainda não atingiram o estado de frango, tendo porém, já saído do ovo.

Família dos Passarões

Individualmente, é representada por 7 exemplares cuja estrutura ainda não nos foi possível discernir.

Conclusões:

Os membros de todas as famílias indicadas pertencem a um ramo único do género arboróide, pelo que nos é lícito englobá-los numa família única que denominaremos de *Avis rarissima* ou *Avis rara*, simplesmente.

ADENDA

Por lamentável engano, ao coligirmos os dados que nos iriam possibilitar o estudo anterior, suprimimos uma classe da família das *aves de gaiola*. Referimo-nos à *catatua somniferum*, divisão dos *bodes*, subdivisão das *tanjáceas*, género *grajola de repetição*.

O exemplar analisado é pernalta e quase imberbe. Alguns geobotânicos classificam-no como sendo um membro das *concepcionáceas*. Porém estamos convencidos que tal método ornitológico não corresponde à realidade pois esta *ave rara* emite, em certas ocasiões, e pelas cordas vocais, palavras repetidas que muitas vezes se confundem com «ondas» emitidas por «grajola» avariada sobre a qual roda um disco partido.

A noite, o indivíduo macho costuma entrar em estado de êxtase para o que basta erguer a cabeça num ângulo que alcance janelas a alturas médias de 6 metros. Contudo estamos sinceramente convencidos que estes estados de êxtase definem que a classe costuma atravessar, em certas épocas, crises de trágicas consequências as quais, porém, tendem a desaparecer.

S. Rafael, 13 de Março de 1959.

Dr. Rufino Roskoff

Nota da redacção: Quis o Dr. Rufino Roskoff honrar as colunas deste nosso jornal com o interessante trabalho acima publicado. Assim, em nada nos irá admirar o êxito do dito supra indicado, o qual, veio, desta maneira, enriquecer a nossa bibliografia liceal.

No próximo número:

Animalóides

OS LAVORES

na educação

feminina

Os bordados e rendas são na vida da mulher não só uma distração que embeleza as nossas casas, mas também uma actividade de certo valor económico.

É desde crianças que se devem habituar as meninas a bordar, para com o andar do tempo se aperfeiçoarem, e também porque, se hoje são crianças, amanhã serão donas de casa. É preciso que saibam embelezar o seu lar e os seus filhos.

Para melhor se desenvolver esta parte da educação feminina o Estado mantém aulas de labores nos liceus. Apesar de tais aulas não funcionarem no campo, esta actividade não é menos intensa.

Alguns destes trabalhos como: bordados a palha, os artísticos trabalhos em miolo de figueira, flores artificiais em lã, adornos femininos em miolo de pão, malas e chapéus de palha e rendas das quais são mais apreciadas os bilros, crivos, filet, constituem um grande valor para o nosso distrito.

Além da importância económica, alguns destes trabalhos são verdadeiramente obras de propaganda de beleza da fidalga das outras ilhas do distrito, valorizando-as sempre, porque mostram nos seus desenhos motivos regionais.

Todos estes artigos são muito apreciados pelos estrangeiros, que neles vêem uma prova dos dons artísticos de tantas mãos femininas que entre nós a eles se dedicam com muito carinho e gosto.

Maria Antónia Macedo

4.º Ano A

Estudante! Pensa bem no sentido destas palavras do poeta Alfonso Lopes Vieira:

— «Os moços portugueses ou são nacionalistas, e estão com o nosso espírito, ou passeiam e dançam, e não são nada».

Do nosso Liceu

Terminam na 3.ª feira, 17, as aulas do 2.º Período. O 3.º Período terá início no dia 1 de Abril.

O C. E. 1 da Mocidade Portuguesa está a organizar uma excursão à Terceira, com partida no sábado, dia 21, no N/M Cedros e com cinco dias de permanência naquela ilha.

Poetas portugueses do século XX

(Conclusão da 1.ª página)

teatro *Jacob e o Anjo*, peça traduzida e representada em Paris, onde mereceu ser apreciada por Gabriel Marcel.

Além dos romances *Príncipe com orelhas de burro*, *Davam grandes passeios aos domingos* e outros, é autor dos seguintes livros de poemas: — *Poemas de Deus e do Diabo*, *Biografia*, *Encruzilhadas de Deus*, *Mas Deus é grande*, *Fado*, *A chaga do lado*.

A um Camarada

Se me dás essa mão calosa e deformada,
Aperto-ta na minha, camarada.
Também, do meu labor, sou eu cativo,
E a tinta que me suja a mão é sangue vivo.

Também, na minha testa, há gotas de suor.
Gelado, o meu. Não sei se o teu, pior.
Exausto, ao fim do dia, és uma simples besta.
Que dorme; e a insónia, a mim, mais me regela a testa.

Com pedra, terra, cal, cimento, ferro, aço,
Povoas ou constróis cidades. O que eu faço
Não se vê tanto é longe; é lá no escuro
Das telas do passado e do futuro.

Pedem-te os filhos pão, que após sofrer, lutar,
Nem sempre terás tu para lho dar.
E a mim, — canções, fervor, calor contra o seu frio;
E eu finjo encher a mão no coração vazio!

Teu nome, obscuro som, conhecem-no bem poucos.
Mas o meu, como os doutros que tais loucos,
Já sem sentido por demais ouvido,
Pregoam-no os jornais; — e é o dum desconhecido.

Talvez tu, auto — escravo fixo à terra,
Nunca erguesses o olhar ao céu, e ao que ele encerra.
Eu ergo-o; mas, daquela imensidão composta,
Recaio sobre mim num grito sem resposta.

Cumpre-se, em ambos nós, a velha praga... E en breve,
Sobre ti, sobre mim, nos seja a terra leve.
Deixa-os, esses que odeiam, entre nós erguer a espada!
Dá-me a tua mão suja e honesta, camara lá.

Exortação ao meu Anjo

Quando eu me deixar cair
No sonho de adormecer para poder dormir,
Fere-me com a tua lançol
Reaviva em mim a dor, fonte de esperança.

Quando a verdade, que é nua,
Me cegar como um sol, e eu me voltar para onde há lua,
E procurar jardins convencionais e plácidos
Queima-me com teus olhos ácidos!

Quando me for mais fácil a verdade do que ter
Um papel de actor qualquer,
Como aos que assim se recreiam,
Faz-me exhibir-me bobo ante os que aplaudem ou pateiam.

Quando eu julgar, falando, dizer tudo,
Faz ante mim sorrir teu lábio mudo!
Quando eu me poupe a falar,
Aperta-me a garganta e obriga-me a gritar!

Quando eu tiver medo do Medo
E acender fósforos nos cantos numerosos do segredo,
Arrasta-me pelos cabelos
Para entre os pesadelos!

Quando, a meio da noite e da ansiedade,
Eu me rojar por terra e te pedir piedade,
Não me aparesças nem me fales!
Deixa-me só com o meu cálix.

Quando eu te falsificar,
E alugar anjos de serrim para em seus braços me embalar,
Derrete o chumbo dessas casas:
Leva-me no tufão das tuas asas!

Quando eu, enfim, não puder mais,
Por tuas próprias mãos belíssimas e leais,
E sem caixões nem mortalhas,
Enterra-me na terra das batalhas;

Quando, depois de morto, a glória
Me levantar o seu jazigo e celebrar minha vitória,
Desvenda os alcapões dos meus escritos
E arranca à terra que me esconde os mais secretos dos meus gritos!

O "ARAUTO" pelo Desporto e pela Educação Física

Campeonato de VOLEIBOL

Com grande entusiasmo e expectativa, está a ser disputado um Campeonato de Voleibol, iniciativa da Secção Desportiva do nosso Centro e que tem a participação das equipas do 3.º Ciclo, 5.º Ano, 4.º Ano (A) e 4.º Ano (B).

Devido à irregularidade do tempo apenas se realizaram os seguintes jogos:

4.º Ano (A) 2 — 4.º Ano (B) 0
(15-4) (15-6)

As equipas eram formadas por:

4.º Ano (A) — Botelho, M. Simas, Germano, Quaresma, Cristovão e Goulart.

4.º Ano (B) — Avelino, Sousa, Belchior, T. Alberto, J. Neves e M. Neves.

O resultado está absolutamente certo, pois a equipa 4.º Ano (A) actuou em bom plano, sendo sempre superior à equipa adversária, enquanto esta mostrou ter uma absoluta falta de preparação física e uma quase completa ignorância da prática da modalidade, nunca conseguindo, os seus elementos, adaptarem-se ao jogo uns dos outros.

Destacamos:

Botelho, M. Simas e Germano nos vencedores; Avelino, J. Neves e M. Neves, nos vencidos.

3.º Ciclo 2 — 4.º Ano B 0
(15-7) (15-10)

Formação das equipas:

3.º Ciclo — Porto, Barreiros, V. Pereira, F. Virgílio, Gomes e M. Maria.

4.º Ano (B) — T. Alberto, M. Neves, J. Neves, Avelino, M. Alberto e Sousa.

Como se esperava, ganhou a equipa do 3.º Ciclo, que era a que tinha melhor preparação, tanto física como técnica. No entanto, a equipa do 4.º Ano (B) que havia tido uma fraca actuação no primeiro jogo do Campeonato, frente ao 4.º Ano (A), apresentou-se com melhor conjunto, principalmente no jogo em que apenas perdeu pela diferença de 5 pontos.

Barreiros, Porto e V. Pereira foram os melhores na equipa do 3.º Ciclo; nos vencidos distinguiram-se: Avelino, M. Neves e J. Neves.

3.º Ciclo 0 — 5.º Ano 2
(6-15) (13-15)

As equipas apresentaram a seguinte formação:

3.º Ciclo — Gomes, Porto, M. Maria, Lecoq e F. Virgílio.

5.º Ano — Agostinho, Leonildo, J. Augusto, Virgílio, Neves e Serpa.

Venceram os melhores. A equipa do 5.º Ano teve uma boa actuação, sendo quase sempre superior a do 3.º Ciclo que se apresentou inferiorizada numericamente e com a falta de Barreiros e V. Pereira, os elementos principais da equipa.

Leonildo, J. Augusto e Serpa, foram os melhores do 5.º Ano; Gomes, Porto e M. Maria salientaram-se na equipa do 3.º Ciclo.



Noticiário

— Prosseguirá brevemente o Campeonato de Voleibol que, devido ao mau estado do tempo, tem estado interrompido, com os seguintes jogos:

5.º Ano — 4.º Ano (A)

3.º Ciclo — 4.º Ano (A)

5.º Ano — 4.º Ano (B)

— Sob a direcção do Chefe da Secção Desportiva, Henrique Barreiros, estão-se a preparar activamente as equipas que representarão o nosso Liceu, na excursão da M. P. à Terceira.

VELA

A vela é um desporto não só atraente para quem vê mas também agradável para quem o pratica.

Era da praxe o ensinamento da vela em barcos grandes, os «barcos-escola». Na Mocidade, porém, enveredou-se por outro caminho: dar a cada aprendiz um barco onde à vontade pudesse manobrar, depois de estar um pouco ensabado em teoria. Não sei qual será o melhor método, o certo é que este tem dado bons resultados.

O Lusito, invento de Mestre Brites e Rodolfo Fragoso, foi o barco que se forneceu a cada aprendiz. E' neste barco, um pouco difícil de manobrar, embora seguro, que o rapaz se sente comandante, ao concentrar toda a sua atenção na manobra.

E creio que é nisto que está o segredo do sucesso, neste estímulo que desde logo o rapaz sente, ao ser nomeado responsável pelo barco.

E' indispensável também que os rapazes se compenstrem da responsabilidade que lhes cabe, não só dentro do barco, mas também porque há uma tradição que criamos e temos de manter, pois desta não se abdica. Ensina-ram-nos os nossos avós que as tradições se mantêm mesmo com sacrifício. Sacrifício de filiados e Dirigentes. E' necessário trabalho, dedicação e persistência.

A vela não deve ser tomada como um passatempo fútil nem como fábrica de campeões.

Todos têm o direito de procurar o melhor lugar numa regata, mas para isso é necessário tomar parte nela. A regata é um processo educativo, pelo domínio de nervos a que obriga e pela lealdade que constitui regra. Numa regata da M. P. não devia ser preciso árbitro, cada um devia arbitrar-se a si próprio. Deviam fazer todos como fez há dois anos um rapaz em Olhão, numa regata de Snipes do Algarve. Este rapaz, quando acabou a regata, chegou-se junto do Júri e declarou estar desclassificado por ter abalroado uma boia. Este rapaz teve uma derrota na regata, mas teve também uma vitória no campo da honra. Como este tem

SÃO HORAS...

(Conclusão da 1.ª pag.ª)
recia prolongar-se indefinidamente.

— Vamos embora, choramingou o Zeca.

— E' verdade, disse a Aidinha.

— Tolos! Agora que estamos quase no fim é que se querem ir embora! Que caminho! Eu por mim não vou, porque tenho que ver o que há ali dentro. E sem se importar se eles a seguiam ou não, caminhou em frente na ânsia de saber onde iria dar aquilo. Mal tinha dado dois passos, quando viu à sua frente uma grande escadaria.

Sem pensar qual seria o resultado de tudo aquilo começou a descer os degraus, quando sentiu que lhe puxavam o vestido. Eram o Zeca e a Aidinha que todos medrosos lá seguiam com medo de voltarem a casa, porque não sabiam o caminho.

— Ah! São vocês! Sempre vieram, — exclamou ela.

Já tinham descido muitos degraus, quando se encontraram num grande pomar cujas árvores estavam cobertas de belas maçãs douradas.

— Que lindas! — exclamaram em coro.

— Vou encher o meu vestido para as mostrar à mamã, e ela depois de as ver com certeza já não se zangará de nos demorarmos — disse Dalila — mas antes de nos irmos embora, vamos ver onde termina o jardim. E largou-se numa correria, logo acompanhada pelos primos.

De repente vê uma pequena porta entreaberta, e pára sem que os primos o notem. Mal entrou à porta, exclamou extasiada — que lindo! Vem ver, Aidinha! Por todos os lados só via bonecas, carrinhos, fogões, enfim nunca tinha imaginado tanta coisa linda! — Aidinha vem ver!

Como ninguém lhe respondesse, saiu e começou a andar a ver se encontrava os primos, mas o que viu deixou-a horrorizada. Na sua frente ficava uma rocha na qual se prendia um pedacinho do vestido verde da Aidinha e lá no fundo estendia-se um mar negro e barulhento. Num instante viu toda a sua culpa! Os primos tinham morrido devido à sua imprudência. Tinha sido ela quem os tinha levado até ali. E agora tinha de voltar só, sem coragem de dar aquela horrível notícia aos seus tios.

No auge do desespero grita: Zeca, Aidinha, Jesus, mãezinha acode-me.

A mãe que já tinha ido várias vezes ao quarto porque já eram horas de Dalila ir para a escola, voltou lá de novo, apouquentada por ver sua filha a delirar, julgando-a doente.

Foi com toda a ternura de mãe que, sentando-se no leito e beijando suavemente a fronte de sua filha, coberta de suor, que disse baixinho: — Dalila, acorda filha, são horas!

Dalila abre os olhos e pergunta imediatamente pelos primos.

— Estão ali. Já várias vezes te chamaram.

— Oh! Seria possível?! Afinal tudo fora um sonho. Que alívio!

Maria de Fátima da Silva
1.º ano do Magistério

Sá de Miranda

Ao findar o primeiro quartel do século XVI Sá de Miranda regressa da Itália a Portugal, sendo portador de novos temas e géneros formais, apto a revolucionar a literatura portuguesa.

Para adquirir-lhe fizera uma viagem ao país herdeiro das tradições do Lácio, onde se relacionara com os autores que iam extrair ideias à Antiguidade, principalmente à civilização Greco-Romana.

Este movimento literário e artístico teve por pátria a Itália, devido ao seu povo ter estado sempre em contacto com a Antiguidade através das ruínas e tradições do seu antigo e majestoso Império, e alastrou por toda a Europa inspirando numerosas manifestações artísticas e culturais.

Foi pois Sá de Miranda o introdutor do Classicismo Renascentista em Portugal, tendo importado o tema da «mudança», os temas Petrarquistas, e alguns géneros como a elegia, o soneto, a canção, a écloga e os versos de 10 e de 6 sílabas.

Apesar de ter sido o primeiro, havendo lutado con-

tra inúmeras dificuldades, uma das quais era o facto de a língua não ter atingido ainda a sua maturidade, deixou-nos algumas obras de notável valor como: poesias miúdas, sete cartas, sonetos, éclogas, três elegias e duas canções tendo sido comparado a Herculano pela firmeza da sua vontade e pelo vigor do seu pensamento.

Teve uma influência enorme nos poetas que se lhe seguiram, os quais interpretaram e imitaram as suas formas sendo neste movimento literário que Camões foi inspirado a escrever «Os Lusíadas», conseguindo nivelar a elevação do pensamento com a heroicidade dos Portugueses, ambição essa já de Sá de Miranda.

Sá de Miranda morreu em 1558, tendo conseguido impor-se à admiração de todos os Portugueses, não verdadeiramente pelas suas obras, que eram imperfeitas, de forma áspera, mas sim por ter sido o primeiro, o alicerce de uma nova época literária em Portugal.

Abril de 1958.

Elias de Vargas da Rosa

Um Sonho

Eu não sonho muito, mas de vez em quando tenho sonhos engraçados. Há dias, tive um que me impressionou vivamente.

Era num desses dias primaveris em que o sol beija a terra de mansinho e em que a natureza está perfumada pelo aroma das flores.

O céu estava tão azul, emoldurado de nuvens brancas que pareciam novelas de algodão no espaço.

No mar, que mais parecia um lago, vojavam pequenos barcos.

Eu contemplava tudo isto maravilhado com a beleza de quanto me rodeava.

Súbito uma voz suave veio despertar-me do meu êxtase. Olho em redor e vejo uma menina que se aproximava de mim e me convidava a que fosse com ela visitar um parque.

Enquanto andávamos, eu não me cansava de observar a figura graciosa e gentil da criança que me acompanhava. Os seus olhos azuis pareciam pedaços de cristal; os seus cabelos loiros assemelhavam-se a fios de ouro harmoniosamente dispostos.

Dir-se-ia que aquela criança tinha o que quer que fosse de sobrenatural.

Seduzida pela beleza angelical daquele anjo, eu não via nada do que por nós passava, apenas a sua imagem me chamava a atenção.

Por fim ela parou diante de um grande portão que abriu com uma chave que levava.

Entrámos, e qual não foi o meu espanto ao ver um lindo jardim com um grande lago onde nadavam cisnes com uma plumagem tão brilhante e sedosa que perturbava a vista.

A menina acariciava com o olhar os bonitos animais, quando das águas límpidas do lago saiu uma enorme serpente de escamas prateadas que, lançando-se sobre ela, a engoliu mergulhando imediatamente.

Eu lancei uns gritos aflitivos e desatei a fugir como louca por entre as alamedas do jardim, julgando ser vítima de uma alucinação.

No meio desta confusão indescritível acordei e durante o resto da noite não pude conciliar o sono com o pensamento na criança, cujos olhos esmeraldinos me fascinaram.

Rosalina Pinheiro
3.º Ano

São assim os Estudantes...

ESPIONAGEM...

Cinema

Consta-nos que este ano será a época das grandes revelações cinematográficas. O Peixe Espada e a Juliana andam empenhados em rodar: «Idílio no Dispensário».

As vezes as filmagens são interrompidas com a chegada da mamã, e lá vai ela ao toque do «samba».

Para ser actriz é necessário saber um pouco de tudo...

Mais um...

Por notícias particulares, soubemos que a menina A.... do 4.º ANO-A, entediou-se com o seu olhar meigo e doce um sujeito que já faz a barba.

Se os muros da ribeira da Conceição talassem quantas palavrinhas amorosas repetidas!

A questão dos afilhados

A correspondência no Liceu tem aumentado consideravelmente desde que certas meninas adoptaram afilhados.

O pior é se eles se apaixonam.

Já as tratam por «queridas madrinhas» e parece que um já diz que «visto ela estar livre lhe pode dedicar mais alguns momentos de ternura», que ela «é bonita, simpática e atraente», etc., etc. A questão é esperar pacientemente que mais cedo ou mais tarde surgirá a declaração.

Agora sim...

Que lindo caselinho de «bébés» encontrámos há dias ao passarmos por uma das mais movimentadas artérias da nossa cidade.

Agora sim! Ele ainda mal «caiu das calças abaixo» e já quer namorar.

Bonito futuro

Certo quintanista (miúdo), resolveu adquirir uma das mais famosas casas comerciais da nossa cidade.

Tem certamente o futuro garantido, pois uma alfaiataria e uma loja de fazendas são negócios que dão bastante lucro.

Mais um romance

A última novidade em literatura amorosa é o já célebre romance «Fernando Virgílio e a sua amada», que está a ser vendido (por quanto tempo?) num banco do Largo do Infante.

Pela calada

Um dos nossos redactores estava a actuar nas vizinhanças da Praça da República e nós sem darmos por isso. Só soubemos quando já ia o negócio adiantado.

Torna-se uma necessidade urgente a intensificação da nossa rede de espionagem.

Para não gastar solas

Um estudante do nosso Liceu (louro), não estava disposto a gastar solas e a perder tempo para arranjar parceira. Por isso resolveu o caso sem andar muito; no Pico, são da mesma freguesia; no Faial, moram na mesma rua.

As divisas...

A nossa colega «Mari» não pode estar muito tempo viúva. Passados alguns dias, o pobre colega da frente, estava perdidamente apaixonado. Será tímido? Pelos vistos ainda não se declarou. Mas ela persiste, é claro, para não baixar de posto. Na verdade os galões tem muita influência.

Estão com sorte

Ainda se lembram daquela história emocionante da vida de um jogador de futebol que encontrava a «Felicidade»?

Pois há agora um felizado que conseguiu obter a «Fortuna»...

Sempre se decidiu

Dizem as más línguas que o menino «Nestlé» do nosso Liceu resolveu entrar em acção.

E ele que nos havia dito que queria ser o «eterno solteiro», pois tinha medo das meninas.

Agência de Informações

Consta que certos senhores estabeleceram uma importante agência ambulante de toda a espécie de informações, principalmente de assunto amoroso.

Não perca esta oportunidade!

Consulte o famoso e popular coicebolista do 4.º Ano-C e o seu distinto sócio, pagador das O. P.

Sede: Canto do «Amor da Pátria».

Despedida

O Jaime Tavares que, por motivos imprevistos, deixou o nosso Liceu e não teve tempo de se despedir pessoalmente de todos os seus colegas, pediu-nos que, em seu nome, o fizéssemos.

Ao fazer-nos este pedido, a que da melhor vontade acedemos, o Jaime Tavares recordou-se com saudade das boas horas passadas na aula e começou a chorar abundantemente... pela testa acima.

Picaroto?!

OL... G... quer forçosamente fugir para o Pico, apesar das diligências que temos feito para que fique no Faial, porque as «picarotas» arruinam-nos o coração.

Coragem!...

Um simpático terceiranista que já tem bigode, arrumou-se para as proximidades do quartel militar, pois precisa de aprender certos exercícios para se aguentar com a sua «intratável cara-metade».

Respostas Célebres

1955 - 4.º ano

Ciências Naturais

O Professor acabara de «comunicar» à turma a existência de uma pereira (sua pertencente) cujo porte, sem nenhum favor, excedia os cento e tantos metros...

Aluno — O Sr. Dr., isso não é nada. Eu conheço aqui, no Faial, um rapaz que costuma levar o almoço ao pai, enquanto este se encontra no trabalho, com uma vela acesa. Repare o Sr. que o pai é mergulhador.

Professor (Incrédulo) — Ora essa! Não diga asneiras...

Aluno — Bem, Corte então o Sr. uns cem metros à pereira que eu apago a vela...

Aula de Geografia

Prof. — Onde se encontra a Flandres.

Aluno — Encontra-se...

Prof. — Então, é no Polo Sul?

A Turma — No México! No México!

Aluno — E' sim! E' no... é no México.

Aula de Francês

3.º ANO-D

Prof. — Você não estudou a lição.

Aluno — Estudei, sim sr.

Prof. — Não é verdade.

Aluno — E' verdade, mas eu não percebo patavina disto.

Esta é boa

Quando um dos redactores do nosso Jornal, se preparava para entrevistar um aluno, deu uma volta, ficando de costas no chão, com as «estacas» para o ar. Pediamos ao administrador do Jornal, que nos conceda uma cadeira nova, porque esta de mudanças automáticas, dá maus resultados.

Temas Científicos

Ornitologia liceal

Pássaros, passarinhos e aves de gaiola

um artigo do

Dr. Rufino Roskoff

O presente trabalho, como o próprio título o indica, versa um assunto deveras emocionante — a classificação, mediante o emprego de chaves dicotómicas, da fauna alada que enxameia nalgumas turmas deste liceu. Tal estudo, porém, requer, da parte do autor, um mínimo

de qualidades que ainda não reunimos. Contudo, encorajados pelo convite de alguns dos «invulneráveis», resolvemos elaborar o presente trabalho que encerra, decerto, deficiências quase impossíveis de evitar.

Baseados nas últimas classificações ornitológicas, resolvemos dividir essa fauna em 3 famílias, a saber: família I — Pássaros; família II — passarinhos; família III — aves de gaiola. Como tipo autóctone (e de máxima amplitude) podemos considerar ainda uma família IV ou dos Pássarões.

Dada a objectividade da classificação, vamos adaptá-la (por maioria de tipos) às turmas do 3.º ciclo. Assim, decidimos escolher os indivíduos abaixo classificados que podem ser tomados por «tipos-bases» ou «tipos-modelos».

Família dos Pássaros

1 — «Antena vulgaris» — indivíduo da classe das *antonedceas*, divisão das *carvalhinhas*, subdivisão das *cornedceas*. Esta família divide-se em dois géneros:

a) — *Antenas vulgaris peralta* L.: vive em zonas altas, tendo certa tendência

(Segue na 2.ª página)

Bombardamento

As paixões de dois meninos levaram-nos a fazer uma verdadeira invasão à Companhia Inglesa.

Claro que, mesmo ali perto, fica a casa das duas meninas. Num dia de cinema, efectuou-se um bombardeamento em grande escala, que de certo podería trazer graves consequências. Haja prudência... para o caldo não se entornar.

Palha...

Sensacional! Dentro em pouco chegará ao Porto da Horta o «Terra Alta» com um carregamento de palha, para ser distribuído por certa turma-A.

Como o vulcão fez muitos estragos, não se pode colher esta preciosa forragem na Ilha.

As meninas do 4.º ANO-A com muita fome devem estar!

Quem se pica...

— Qual é a nova «caixa d'óculos» do nosso Liceu?

— Quem é a menina chorona do 4.º Ano, que deseja ir para treira?

— Qual a menina do Magistério que espera ardentemente que alguém se apaixone por ela?

— Quem é a «viúva alegre» do 4.º Ano?

— Quem dá pela alcinha de «macaca elástica»?

— Qual o redactor do «Arauto» que recebe correspondência da Terceira?

— E qual o que tem uma predilecção especial pelas «Manuelas»?

— Qual a morena que se zanga quando lhe chamam «Preta»?

...Cardos come